

ATITUDES LINGUÍSTICAS: VARIEDADES ENCENADAS EM FOCO

Daniela Plachi*

Resumo: Este trabalho apresenta as avaliações e julgamentos linguísticos que os sujeitos entrevistados fizeram a respeito das variedades do português apresentadas na telenovela global *Chocolate com pimenta*. O estudo se volta para as falas das personagens principais habitantes de uma zona rural e as de um núcleo urbano, de modo a verificar o diálogo existente entre esse gênero televisivo e o público telespectador, por meio do julgamento que esses sujeitos fazem dessas variedades linguísticas. Os resultados mostraram que os programas televisivos interferem nos julgamentos dos sujeitos, as variedades estigmatizadas são avaliadas de forma negativa e as variedades de prestígio são avaliadas positivamente pelos sujeitos entrevistados.

Palavras-chave: Atitudes linguísticas; estereótipo; variedade estigmatizada.

INTRODUÇÃO

De onde vêm as avaliações negativas acerca de variedades socialmente estigmatizadas? Por que algumas variedades são mais prestigiadas do que outras nos meios de comunicação? Os meios de comunicação têm algum poder de influência sobre a forma como os telespectadores avaliam as variedades linguísticas apresentadas diariamente na televisão? Essas e muitas outras perguntas têm intrigado pesquisadores que se dedicam a estudar o julgamento e as avaliações linguísticas que os sujeitos fazem sobre determinadas variedades.

* Mestra pela Universidade Federal do Pará, Mestra e professora do Instituto Superior Tereza Martin/Faculdade Renascença de São Paulo (Uniesp).

As pesquisas em atitudes, avaliações e julgamentos linguísticos fazem parte de um campo heterogêneo de estudos que pertence à sociolinguística – ciência que tem como objeto de estudo a língua falada observada, descrita e analisada em seu contexto social. O objetivo de realizar estudos em atitudes linguísticas consiste em analisar o julgamento que os falantes fazem de seu próprio comportamento linguístico e sobre o comportamento de outros falantes (ALKMIM; CAMACHO, 2001). Seguindo essa linha de estudo, este artigo tenta contribuir para a compreensão das avaliações que os sujeitos fazem sobre as variedades apresentadas em um programa televisivo.

A hipótese inicial deste artigo é que os programas televisivos influenciam os sujeitos a avaliar negativamente variedades estigmatizadas. Ressaltamos que o foco principal deste trabalho é o indivíduo e a forma como ele avalia, critica e julga as diferentes variedades apresentadas nos meios de comunicação, de modo a permitir que os sujeitos se manifestem, pois compreendemos que, por meio das atitudes linguísticas dos sujeitos, pode estar presente a motivação das mudanças em seus comportamentos. Procuramos focalizar as representações que os sujeitos têm construído sobre os sotaques e estereótipos que os programas televisivos tendem a apresentar

No que se refere à sua estruturação, este artigo está organizado da seguinte forma: inicialmente apresentamos a fundamentação teórica utilizada para a realização deste estudo, em seguida descrevemos a metodologia, os resultados obtidos e as considerações finais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É no campo da psicologia social que surgem as primeiras discussões sobre atitudes linguísticas, especificamente na psicologia social da escola europeia¹, que já aponta em seus trabalhos preocupações com a linguagem. Entretanto, coube ao psicólogo canadense Wallace Lambert a contribuição mais significativa para os estudos em atitudes linguísticas.

Calvet (2001) afirma que, na década de 1960, Lambert estudou o bilinguismo franco-inglês na cidade de Montreal. O objetivo do trabalho era explorar as avaliações de personalidades no contexto de falantes do inglês e do francês canadenses. A técnica que o psicólogo utilizou foi a *matched-guise*, que consistia em pedir a juízes que escutassem gravações de trechos em prosa lidos e depois avaliassem a personalidade dos falantes. Lambert usou os mesmos falantes bilíngues. A técnica gerou resultados inesperados, como comenta Calvet (2001, p. 66):

Os resultados da experiência são bastante interessantes. De um lado os jurados não davam conta de que as duas gravações eram produzidas por uma só pessoa. Por outro os “jurados” de fato não avaliavam as vozes, como eram convidados a fazê-lo, mas as línguas.

Calvet destaca também que o resultado da experiência de Lambert mostrou que os falantes do inglês canadense fizeram avaliações preconcebidas em favor

1 A psicologia social desenvolvida na Europa considerava ser impossível abordar o fenômeno da variação lingüística, sem levar em conta questões como as atitudes.

dos falantes do inglês que simulavam o inglês canadense. Os informantes da pesquisa classificaram tais falantes como de melhor aparência, mais altos, mais inteligentes do que aqueles que simulavam o francês canadense.

Desse modo, a técnica desenvolvida por Lambert possibilitou a manipulação de “dicas” das características sociais sobre uma determinada língua ou dialeto, com o objetivo de observar as reações de outras pessoas a respeito dessas características ou variações. A técnica criada por Lambert foi usada neste artigo; evidentemente, algumas adequações foram necessárias, conforme veremos adiante.

Outra pesquisa relevante em atitudes linguísticas é a de Schlieben-Lange (1993), que apresenta uma arguta reflexão sobre o discurso público da língua e o saber linguístico. A pesquisa de Schlieben-Lange foi desenvolvida na cidade de Bagnols-sur-Cèze, no sul da França, e consistiu em verificar se o ocitânico ainda é falado nessa cidade, para verificar as formas nas quais essa língua continua e se existe a consciência dos sujeitos da comunidade de falantes a respeito dessa situação linguística. A hipótese do trabalho da linguística partiu do fato de qual a comunidade da fala ocitânica poderia caracterizar-se por um fenômeno denominado “bilinguismo encoberto”. Para o desenvolvimento de seu trabalho, Schlieben-Lange (1993, p. 98) fez uso das entrevistas, conforme afirma:

As entrevistas que realizei tiveram duas partes: para o começo e o final foi prevista uma troca informal de opiniões sobre a situação linguística. Para tanto, teve presente um esquema preciso sobre os temas que deveriam vir à tona; mas, quando foi o caso, deixamo-nos levar pelas associações dos falantes. Para o centro da entrevista estabeleci uma série de perguntas e respostas sobre os conhecimentos ativos e passivos.

A partir do trabalho de Schlieben-Lange com o ocitano na França, desconstruiu-se a homogeneidade pela qual se pautavam os estudos em atitudes linguísticas. Em sua proposta, a estudiosa observa duas conclusões distintas em relação às atitudes linguísticas: (i) um saber sobre a língua e (ii) um discurso público sobre a língua. Sobre esse saber Schlieben-Lange (1993, p. 95) escreve:

Os falantes de uma língua sabem muito bem sobre ela e são capazes de explicitar esses saber até um determinado grau: eles podem dizer quais são os elementos que fazem parte de sua língua e quais são os estranhos; podem dizer quais são os elementos antigos e quais são os surpreendentes e novos, e podem, até um determinado grau, identificar as variantes (geográficas, sociais e estilísticas) de sua língua. Também podem relatar com quem e em que situações eles se comunicaram com sucesso em sua língua e quem, além deles, a fala. Tudo isso são generalizações de experiências, abstrações da prática linguística que se baseiam novamente nela de maneira constitutiva.

E sobre o discurso público, a autora acrescenta que:

De um outro lado há um discurso público sobre a língua, as línguas e a fala que, ao longo de amplos períodos, pode ser transmitido, embora esteja superado pela prática e experiência linguística. Os argumentos desse discurso público (ou dos vários discursos públicos que concorrem entre si) têm a forma elementar de estereótipos e assim são facilmente disponíveis e incorporáveis.

Muitas vezes é relativamente fácil reconstruir a situação histórica na qual tais elementos discursivos foram lançados e integrados ao sistema (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 95).

No Brasil, as pesquisas que investigam as atitudes linguísticas têm um número significativo de trabalhos. Traçaremos um breve percurso do desenvolvimento dessas pesquisas, com objetivo de mostrar o diálogo que se fez com esses trabalhos. Como não pretendemos fazer uma apresentação exaustiva dos estudos brasileiros em atitudes linguísticas, destacamos aqui o trabalho de três linguistas: Alves (1979), Barbosa (2002) e Leite (2004).

Alves (1979) investigou as tendências nas atitudes linguísticas dos nordestinos que residiam em São Paulo, em relação às variedades linguísticas nordestinas e paulistas. Duas hipóteses nortearam a pesquisa de Alves (1979): (i) a primeira é a de que nordestinos em São Paulo, pertencentes a um nível socioeconômico cultural baixo, chamados de Grupo (B), tendiam a apresentar atitudes linguísticas mais positivas, em relação às variedades linguísticas paulistanas; (ii) a segunda é a de que nordestinos pertencentes a um nível socioeconômico cultural alto, chamados Grupo (A), tendiam a apresentar atitudes linguísticas mais positivas em relação às variedades linguísticas nativas. O resultado da pesquisa apontou que o Grupo A prestigiava as variedades linguísticas regionais nordestinas; diferentemente do Grupo B, que estigmatizava o seu dialeto em favor do falar de São Paulo, atitude atribuída por Alves às perspectivas otimistas nas quais os falantes enquadravam a cidade de São Paulo.

O estudo de Barbosa (2002) teve como finalidade principal investigar as falas dos indivíduos nascidos no Distrito Federal, segundo a hipótese da autora, para definir padrões linguísticos diversos dos utilizados por seus pais. Para a linguista, esse fenômeno tem se refletido especialmente na constituição de uma pronúncia particular e nova, emoldurada em um discurso corrente, em busca de uma fala neutra e sem sotaque. A autora concluiu que os informantes entrevistados reconhecem que há uma fala regional particular aos brasilienses, da mesma forma como os informantes definem essa fala como um não sotaque, isto é, uma fala sem traços característicos. Isso mostra que os brasilienses ratificam a imagem externa que existe do Distrito Federal, ou seja, a mesma ideia de modernidade que promoveu a construção da capital do Brasil: um lugar sem fronteiras geográficas e/ou dialetais em um só país; um espaço de todos os brasileiros.

O trabalho de Leite (2004), por sua vez, investiga as atitudes linguísticas de estudantes oriundos do interior de São Paulo, que estudavam na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), diante da pronúncia /r/ retroflexo. A hipótese do seu trabalho partiu de observações empíricas da pesquisadora sobre a forma negativa que a pronúncia do /r/ retroflexo era avaliada pelos estudantes. Além disso, a linguista observou que existia por parte dos estudantes uma tentativa de acobertar a pronúncia, e isso acontecia porque os estudantes acreditavam que a fala de Campinas é uma fala intermediária.

A pesquisadora analisou o depoimento de oito estudantes de São José do Rio Preto e mais o depoimento de quatro campineiros. Os depoimentos seguiram um roteiro de entrevista no qual os estudantes eram estimulados a expor as avaliações que faziam sobre sua fala e como era recebida em seu meio social. O resultado do trabalho de Leite (2004) mostrou que os informantes percebem o

estigma que recobre a realização da aproximante retroflexa. Além disso, os sujeitos manifestavam o desejo de alterar sua pronúncia no sentido de atingir um padrão intermediário apontado como típico do dialeto campineiro.

De modo geral, as pesquisas aqui apresentadas foram importantes para o desenvolvimento deste estudo. Destacamos a seguir três importantes reflexões promovidas por esses trabalhos, são elas:

- i. O poder diferenciador de grupos sociais específicos se reflete nas variedades linguísticas que lhe são peculiares e nas atitudes individuais em relação às variações;
- ii. Os trabalhos verificariam que o grupo dominante promove seus padrões de uso linguístico como modelo necessário ao avanço social, enquanto a língua, o dialeto ou a variedade de menor prestígio dos grupos minoritários veem reduzidos suas oportunidades de sucesso na sociedade como um todo;
- iii. Os sujeitos do grupo minoritário frequentemente estão diante de uma tomada de decisão: devem manter os padrões linguísticos do grupo dominante ou devem manter seu estilo de fala.

METODOLOGIA

Os trabalhos em atitudes linguísticas apresentam uma série de complexidades, pois trabalhamos com avaliações e julgamentos dos sujeitos diante de outras variedades. Nesta seção apresentamos seleção do *corpus*, roteiro de entrevista, seleção dos sujeitos e aplicação das entrevistas.

Seleção do *corpus*

O programa televisivo selecionado foi uma parte de uma telenovela². Escolhemos uma cena em que duas variedades linguísticas estavam presentes: a variedade urbana e a variedade rural. Optamos por trabalhar com um trecho de uma telenovela porque esse tipo de programa televisivo tende a ter uma grande aceitação do público.

Roteiro de entrevista

O roteiro de entrevista tinha como objetivo avaliar o modo como os sujeitos percebiam as variedades apresentadas no programa televisivo selecionado. Além disso, tinha objetivo também de incitar uma opinião geral dos entrevistados sobre a identificação das variedades do português presente no *corpus* e verificar as manifestações afetivas dos sujeitos entrevistados quando de sua representação por meio da telenovela.

Na pesquisa sociolinguística, a necessidade de seguir padrões rígidos inexistente, visto que o objetivo maior, ao se proceder a uma coleta de dados, é o de procurar atender às diferentes necessidades das pesquisas a serem realizadas.

2 A telenovela selecionada foi *Chocolate com pimenta*, transmitida pela Rede Globo em 2004.

A entrevista é constituída de perguntas não diretivas compostas por indagações de opinião. No total, gravamos quatro fitas. De uma maneira geral, o roteiro de entrevista produziu um material para análise grandemente produtivo, pois os sujeitos tiveram um “espaço livre” para manifestar suas opiniões e avaliações sobre as falas apresentadas na telenovela. Por esse fator, não optamos por um modelo definitivo de entrevista, mas um roteiro flexível. A seguir apresentamos o roteiro de entrevista aplicado:

- a. No seu meio social você já percebeu se algum conhecido seu fala como o personagem que mora no interior? Você pode imitá-lo?
- b. Em sua opinião, por que os personagens que moram no interior aparecem sempre em situação humorística ou engraçada na telenovela?
- c. Em sua opinião, a novela mostra um falar típico do interior? Qual seria essa fala?
- d. Esse falar típico é representado na telenovela?
- e. Em sua opinião, as falas dos personagens são tratadas da mesma forma?
- f. Se você pudesse escolher uma fala, qual você escolheria?
- g. Qual fala você não escolheria?

Seleção dos sujeitos

Na seleção dos sujeitos, levamos em consideração as seguintes variáveis: i. faixa etária: trabalhamos com sujeitos com a faixa etária de vinte a 35 anos; ii. variável sexo: trabalhamos com essa variável porque a telenovela tende a ser assistida mais por mulheres; iii. se profissional de Letras: trabalhamos com sujeitos que têm noções de estudos linguísticos e sujeitos que não possuem nenhum conhecimento nessa área; iv. escolaridade: nessa variável o universo é constituído de sujeitos com escolaridade de nível médio, fundamental e superior. Essa variável também está ligada ao *status* socioeconômico dos sujeitos entrevistados.

Selecionamos cinco sujeitos, três do sexo feminino e dois do sexo masculino. Uma informante denominada de (*inf1*) possui nível superior na área de Letras, trabalha como professora de Língua Portuguesa e tem trinta anos de idade. A informante número dois (*inf2*) possui o ensino fundamental, trabalha como empregada doméstica e tem vinte anos. A informante número três (*inf3*) é estudante do ensino médio, trabalha como vendedora e tem dezessete anos. O informante número 4 (*inf4*) não possui nível superior, é técnico em informática e tem 24 anos. O informante número 5 (*inf5*) possui nível superior em Comunicação Social, exerce a função de jornalista e tem 35 anos.

Aplicação das entrevistas

Na aplicação das entrevistas, os sujeitos foram convidados a assistir a um trecho do programa televisivo selecionado, e em seguida responderam às perguntas em uma sala fechada.

TRECHOS DAS ENTREVISTAS

Nesta seção apresentamos alguns trechos das entrevistas dos sujeitos. Na primeira questão, pedimos que os sujeitos demonstrassem, por meio de exem-

plos, a fala do personagem que mais marcava as diferenças de fala no programa televisivo. A opinião mais recorrente dos sujeitos centralizou-se em dois aspectos: o primeiro é que os falantes da variedade estigmatizadas ao falar “puxam r”, e o segundo é que os sujeitos comumente chamados de “caipiras” falam cantando. Conforme demonstram as transcrições³ a seguir:

Inf1 ah! Eles falam muito puxado o [R] então deus o livre cara vai que vai uma beleza. Tipo a poRta foi para trás da poRta

Inf2 eu acho que ela se caracteriza pela:: pela::pelo reforço em algumas letras em alguma fonemas poRta principalmente /s/ ou com/r/

Ainda nesse aspecto, os sujeitos manifestaram que o contexto rural em que o falante está inserido influencia na fala, e que o português falado na cidade é o mais correto. Como afirma o informante 3:

Inf3 Ê:::as pessoas da cidade por terem maior acesso a escola e tal eles fala tentam falar o português mais certinho, num tem tantos vícios de linguagem já que as pessoas que vivem no campo vão adquirindo esses vícios essas expressões como quais poRta

Os sujeitos demonstraram que existe certo exagero da telenovela ao mostrar as variedades do interior. Entretanto, por ser uma novela humorística, esse exagero se justifica.

Inf4 eu acho que eles alopram...acho que as pessoas não falam tanto assim... acho que isso é mais pra dar efeito de humo pra fazer um público rir

Nas entrevistas, pediu-se que os sujeitos entrevistados opinassem sobre qual a razão de as personagens falantes das variedades estigmatizadas sempre aparecerem em situações engraçadas. Os sujeitos afirmaram que a diferença de níveis culturais – no caso, a cultura da cidade *versus* a cultura de uma localidade rural – provoca riso, mas que esse tom caricatural tende a ser discriminatório, pois esses hábitos culturais entram em choque.

Inf3 não que eles sempre apareçam em situação engraçada mas só a forma com que eles falam ...acho que a novela se aproveitou disso para que se tornasse a maneira com que eles falam engraçada

Inf4 porque as telenovelas... elas passam elas são passadas em ambientes urbanos então tudo que é diferente ele tem uma certa discriminação então as pessoas são discriminadas porque elas não se comportam ...de maneira considerada padrão, então elas são motivo de chacota

Inf5 porque não é normal ao nosso convívio...urbano: esse tipo de coisa eles exploram

Os sujeitos entrevistados afirmaram que já conheciam ou já tinham ouvido falar de alguma piada ou história engraçada relacionada ao indivíduo que fala da mesma forma que os personagens da telenovela. Nessa questão, grande par-

3 As transcrições seguiram as orientações do Projeto Nurc.

te dos sujeitos afirmou conhecer alguma história, mas que no momento da entrevista não se lembravam de nenhuma piada. Poucos foram os sujeitos que contaram a história ou piada conforme exemplifica a fala de um dos sujeitos entrevistados

Inf1 claro claro claro bom era do interior de Minas e ai:: chegou o fiscal do IBAMA dentro de casa de um de um/ caipira e perguntou para ele é meu senhor como é que tao as coisas por aqui? Nê tem muita caça aí o senhor respondeu tem muita caça _ mas vi::xi quanta caça seu

De uma maneira geral, o resultado das entrevistas possibilitou um excelente material para análise. Por meio das avaliações dos sujeitos, podemos observar como eles avaliam as variedades apresentada na telenovela. A seguir, apresentamos a análise das entrevistas.

RESULTADOS OBTIDOS

O presente artigo investigou as atitudes linguísticas dos sujeitos diante das variedades estigmatizadas apresentadas em um programa televisivo. Os resultados das entrevistas confirmaram a hipótese inicial: a de que a telenovela tende a reforçar nos sujeitos atitudes negativas das variedades estigmatizadas (dialetos caipiras ou de origem rural) e atitudes positivas em relação às variedades socialmente prestigiadas (falantes dos conglomerados urbanos).

Além disso, detectamos que fatores como faixa etária, sexo, escolaridade e o fato de os sujeitos serem ou não profissionais da área da linguagem não determinam a avaliação negativa ou positiva das variedades apresentadas na telenovela. Todos os sujeitos entrevistados reconhecem que existe a diferença de fala explícita na telenovela, ainda mais notada em relação às variedades estigmatizadas.

Os sujeitos afirmaram que as características mais comuns atribuídas a essa variedade são “falam arrastado” e “falam puxando o R”. Ao reconhecerem essa característica, os sujeitos acreditam que a telenovela tende a reforçar estigmas e avaliações negativas em relação às variedades estigmatizadas, sem considerar as diferenças dialetais entre os núcleos urbano e rural.

No caso da telenovela, a intenção do autor parece ser provocar o humor no telespectador. Contudo, esse humor, obtido por meio das falas estigmatizadas, reforça nos sujeitos uma avaliação negativa em relação a elas. Os sujeitos têm consciência de que os indivíduos falantes dessas variedades são alvos de rejeições; mesmo tentando ignorá-las, ainda é explícito o desconforto causado.

Destaca-se na avaliação dos sujeitos que, dependendo do contexto em que esse falante esta inserido, a sua fala pode ser aceita ou não, socialmente. Para os sujeitos existe de fato uma falar típico do interior caracterizado pela pronúncia, o que mostra que essa variedade pode marcar as diferenças sociais. Por meio de seu uso, denota-se a que classe social pertencem os falantes. No caso da telenovela, os sujeitos avaliaram que essa fala típica do interior é representada pelos atores de forma exagerada e irônica.

Os sujeitos compreendem que os falantes das variedades estigmatizadas aparecem em situações humorísticas, motivados por sua fala e pelos estigmas sociais que esses indivíduos carregam. Isso não ocorre com a variedade urbana. Os sujeitos avaliaram que as diferenças de fala são positivas, pois mostram a

diversidade cultural do Brasil; mas os entrevistados destacaram ainda que existe uma tendência da telenovela em criar uma imagem pejorativa das variedades do interior (dialetos caipiras, interioranos ou caboclos). Essa postura pode influenciar os conceitos ou preconceitos que os telespectadores desenvolvem sobre as variedades linguísticas estigmatizadas. Assim, os resultados nos levam a afirmar que a telenovela possibilita a manutenção de avaliações negativas em relação as variedade estigmatizadas.

Os entrevistados eram todos nascidos na Região Norte, especificamente no Estado do Pará; eles afirmaram que a fala paraense quase sempre não aparece naquele gênero televisivo, e, quando aparece, é de forma pejorativa. Mesmo a variedade paraense não sendo representada na telenovela *Chocolate com pimenta*, questionou-se como os sujeitos reagiriam a tal representação. Observou-se que os entrevistados avaliaram negativamente o fato de ter sua fala imitada, especialmente quando é comparada (igual) à fala do nordestino.

As opiniões dos sujeitos mostraram o que Schlieben-Lange (1993, p. 95) discute em seu trabalho sobre a história do falar e os discursos públicos sobre a língua:

De um lado há um discurso público sobre a língua, as línguas e as falas que, ao longo de amplos períodos, pode ser transmitido, embora esteja superado pela prática e experiência lingüística. Os argumentos desse discurso público (ou dos vários discursos públicos que concorrem entre si) têm a mesma forma elementar de estereótipos e assim são facilmente disponíveis incorporáveis [...]. Assim, o discurso público contém avaliações, isto é, julgamentos sobre o “bonito”, “feio”, “bom” e “ruim”.

Existem dois pontos centrais nos resultados obtidos acerca das avaliações dos sujeitos sobre as variedades apresentadas na telenovela: (i) os entrevistados repetem elementos do discurso público sobre determinada variedade, como é o caso das variedades do interior, que são estereotipadas; (ii) baseiam-se nas experiências em relação à sua e a outras variedades. Esses dois pontos são também destacados nos estudos de Schlieben-Lange (1993, p. 96). Conforme afirma a autora:

Se um membro de uma comunidade de fala se manifesta por qualquer razão sobre sua língua ou sobre as línguas ou formas lingüísticas que concorrem no seu mundo cotidiano, observa-se, então, nas suas enunciações a penetração de elementos dos dois âmbitos acima esboçados: de um lado, esse falante explicita seu saber; que se baseia nas suas práticas e experiências, ao mesmo tempo que é fundador delas; de outro lado, ele repete elementos do discurso público (ou inclusive de outros elementos com ele concorrentes), discurso aliás que tem uma existência autônoma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é recorrente estudos em atitude linguística apresentarem como objeto de investigação programas televisivos, tais como o gênero telenovela; esse foi, na verdade, um dos grandes obstáculos para a execução deste trabalho, já que é escassa a quantidade de trabalhos que tratem especificamente dessa temática. Porém, é fato que os programas televisivos exercem uma significativa in-

fluência nas opiniões dos telespectadores, em termos linguísticos isso precisa ser considerado. Algumas questões destacadas neste trabalho podem vir a ser posteriormente aprofundadas, como verificar as avaliações e os julgamentos linguísticos que os sujeitos fazem sobre as variedades nordestinas apresentadas nos programas televisivos.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, M. *A Hollywood brasileira: panorama da telenovela no Brasil*. Rio de Janeiro: Senac, 2002.
- ALKMIM, T. M.; CAMACHO, R. G. Sociolingüística. In: MUSSALIN, F.; BENTES A. C. (Org.). *Introdução aos estudos lingüísticos*. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1.
- ALVES, M. I. *Atitudes lingüísticas do nordestino em São Paulo: abordagem prévia*. Campinas, 1979. Dissertação (Mestrado)–Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1979.
- BARBOSA, A. *Brasilienses e a idéia de não-sotaque no processo de formação de identidade brasiliense*. Campinas, 2002. Dissertação (Mestrado)–Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2002.
- CALVET, L.-J. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2001.
- LEITE, C. *Atitudes lingüísticas: a variante retroflexa em foco*. Campinas, 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística)–Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2004.
- SCHLIEBEN-LANGE, B. *História do falar e história da linguística*. Tradução Fernando Tarallo et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- PLACHI, D. Linguistic attitudes: varieties staged in focus. *Todas as Letras* (São Paulo), volume 10, n. 2, p. 95-104, 2008.

Abstract: *This work presents evaluations and analyses linguistics made by some interviewed people about the variety of Portuguese language which is spoken in the Brazilian soap opera Chocolate com pimenta. A research was made about the speech between the main characters of the soap opera who live in the town and those who live in the urban area with the purpose to verify the dialogue between the public who watches the soap opera and the characters as well, with the purpose to analyse the different types of linguistics aspects. The results showed cleared that the soap opera directly interferes in the judgments of the persons. The popular linguistics varieties are negatively evaluated and the most cultural linguistics varieties are positively evaluated by the interviewed people.*

Keywords: *Linguistics attitudes; stereotypes; popular varied speech.*